



# BLUMENAU

em CADERNOS

TOMO III - Nº 4

ABRIL

1960

**Indesmalháveis**

**Indesmalháveis**

LINGERIE

CAMISAS

CALÇAS

CAMISETAS

DE FINÍSSIMO JERSEY

**MAFISA**

---

ARTIGOS SUPERIORES

DA

MALHARIA BLUMENAU S. A.

BLUMENAU

RUA PANDIÁ CALÓGERAS, 270

End. Telegráfico: MAFISA

Caixa Postal, 88

# BLUMENAU

## em CADERNOS

Tomo III

ABRIL DE 1960

N.º 4

### UM VETERANO DEPÕE

Augusto Sievert, com os seus atuais 94 anos de idade, é, provavelmente, o mais velho dos blumenauenses vivos. Gozando de perfeita saúde e extraordinária lucidez, não perdeu, ainda, muitos dos hábitos, que caracterizaram a sua mocidade de trabalhador inteligente e ativo. Faz, ainda, os seus passeios diários, as suas visitas periódicas a parentes e amigos e não dispensa as suas horas de entretenimento, fazendo ligeiros serviços. Vivendo no conforto e carinho que lhe proporciona o lar de seu filho, Willy Sievert, conceituado comerciante e dedicado amigo de Blumenau e das suas tradições tão bonitas, nada lhe falta para que os restantes anos de sua existência decorram calmos e felizes.

Seria interessante entrevistar esse veterano blumenauense. Conhecer alguma cousa do seu passado e, através deste, muitos pormenores preciosos da história da nossa comuna. Com a sua memória prodigiosa, muita coisa o Sr. Sievert poderia ainda salvar do completo esquecimento, dexando-a registrada, nestes "CADERNOS", para o historiador de amanhã.

E, graças ao auxílio que nos prestou o Sr. Willy Sievert, sempre pronto a atender a tudo quanto se relacione com a história do nosso município, ao seu progresso material e cultural, conseguimos obter de seu pai, informações preciosísimas. Um depoimento valioso que, pela autenticidade, facilmente comprovável, das afirmações, pode, sem receio, ser aproveitado pelos estudiosos do nosso passado.

Respondendo às perguntas que lhe íamos formulando, prestando-se, paciente e prazerosamente, ao sacrifício, que a nossa sempre crescente curiosidade o submeteu, por várias horas, o sr. Augusto Sievert assim contou-nos a sua vida:

"Nasci a 23 de março de 1866 em Kolberg, na Pomerânia, Alemanha, filho de um capataz de pastores de ovelhas numa fazenda da região.

Com meus pais, e quando já contava 9 anos de idade, cheguei em junho de 1875 a Blumenau. Embarcáramos num navio inglês, via Autuerpia, demorando, a travessia do Atlântico, cinco longas semanas em virtude de fortes temporais e avarias nas máquinas. Éramos, ao todo, uns seiscentos passageiros, todos emigrantes. Grande parte destes, destinava-se a Porto Alegre e às colônias alemãs do Rio Grande do Sul. Desembarcamos em Destêro, de onde o vapor "S. Lourenço" nos transportou até Gaspar. Nessa época, o rio Itajaí estava em cheia. De Gaspar, até a sede da colônia Blumenau, seguimos, os homens, rapazes e moças, a pé, enquanto as mulheres, crianças e os velhos embarcaram numa lancha, seguindo, rio acima, à força de varejões. Durante a travessia do Atlântico faleceram duas crianças e um homem idoso, que tomara o navio, já doente. Gostei dessa travessia, pois felizmente, o passado era bom, boa a convivência. Divertiamos-nos, a bordo, com dansas e brincadeiras e não sofri de en-

jão. Durante o tempo que permanecemos em Destêrro, à espera do transporte, para o nosso destino, também fomos bem tratados pelo governo, não havendo do que nos queixar.

Era um belo dia de sol, quando nos aproximamos da sede da colônia Blumenau. Ao chegarmos ao comêço da atual rua 15 de novembro, na esquina com a Alvim Schrader, e vendo algumas casas, perguntamos na de um casal idoso, o sr. Hartmann, se a povoação ainda ficava muito longe. Ao nos responder, o sr. Hartmann, que já nos achávamos dentro dela, ficamos todos surpreendidos e decepcionados, pois esperávamos encontrar uma cidade, mais ou menos grande e importante, e vínhamos encontrar uma meia dúzia de casas, agrupadas à margem do Garcia. Quando, na Alemanha, se referiam a Blumenau, davam a entender que este já era um grande centro de população. Até o pastor, que nos acompanhara até a bordo do navio, em que viéramos, para nos abençoar e desejar-nos feliz viagem, havia me dito: "Na, jetzt kannst Du stolz sein, denn du komst jetzt nach eine schoene grosse Stadt in Brasilien". A lembrança dessas palavras e do alvoroço que me enchia o espirito em chegar, quanto antes, à "grande cidade", quase que me desanimaram à vista do pequeno povoado. Mas a natureza deslumbrante, a beleza do rio e do lugar em que o dr. Blumenau assentara a sede da sua colônia, as matas e morros sempre verdes, como o Aipinberg e o da igreja protestante, me deslumbraram e, em breve, se desfez, na minha mente, a idéia que eu vinha fazendo, para dar lugar a um grande entusiasmo pela realidade que me empolgou.

Sômente à noite, chegou a lancha com as mulheres e crianças. Jantamos todos em casa do sr. Hartmann. Como eu, minha mãe partilhava dêsse entusiasmo e não podia conter palavras de alegria ante a perspectiva da enorme extensão de terra, que se poderia aproveitar para cultura, em comparação com o pequenino eito que lavraram na Alemanha, assim mesmo propriedade de senhores feudais. Meu pai é que não se mostrava muito eufórico ante a perspectiva de dar duro, preferindo, talvez, servir de feitor, como o era na sua terra natal.

Depois de uma permanência de quatro dias no barracão dos imigrantes, localizado, mais ou menos, onde está hoje a sede do Clube "America", partimos com destino aos lotes que nos foram destinados. Até o local do atual campo de aviação fomos de carroça. Mas, a estrada era tão ruim que, por vêzes, foi preciso usar juntas de bois para arrancar o carro da lama. Pernoitamos ali, em casa do patricio Cristiano Wolf e, no dia seguinte, a cavalo e cargueiros do sr. Jens Jensen, seguimos até Tatutiba III.<sup>a</sup>, perto da atual "Filial Jensen", em Itoupava Central, onde meu pai já havia escolhido o seu lote e que já examinara, uns dois ou três dias antes. Nesse tempo, o sr. Jens Jensen não tinha ainda a sua casa de negócio, que depois veio a ser um dos mais importantes estabelecimentos comerciais e industrias da região. O lote, em que nos instalamos, não fôra adquirido diretamente da direção da colônia e, sim, do sr. Gustavo Ott, que o vendera por cem mil réis ou cem cruzeiros e que já tinha uma pequena casa de pau-a-pique, barreada, coberta de palmitos e algumas plantações. Tinha cem morgues, como se dizia, equivalentes a cem geiras. Começamos logo os trabalhos de roça, derrubando mato, plantando verduras e cereais. Acabei por ficar só em casa, com meus pais. Meus irmãos mais velhos, ou se casaram e foram residir noutras partes da colônia, ou foram trabalhar noutro ramo, com outros patrões. A minha principal distração, naquelas profundezas, era ir até à mata virgem, que se estendia ao fundo do nosso lote, para observar os bandos de centenas de monos, de pêlo russo e de cavanhaque comprido, que faziam grande ruído, pulando de galho em galho. Certo dia, brincando com rapaz de um colono vizinho — os vizinhos eram, então, muito distantes uns dos outros — vimos, uns cinquenta metros além do local em que nos encontrávamos, um bugre baixote e corpulento, que andava pela roça que se estendia pela encosta do morro. Corremos a avisar nossos pais que, incrédulos a principio, resolveram, afinal, diante da nossa insistência, reunir-se com outros colonos, em número de umas 10 pessoas, armados de espingarda e dar uma busca pelo mato. Não encontraram mais do que muitas pegadas de índios, tendo, entretanto, chegado ao local, em que os mesmos estiveram acampados, pois viram ainda restos do fogo, que haviam feito. Desde então, não me aproximei mais do mato virgem, embora nunca mais se tivesse falado em outros aparecimentos de bugres por ali.

Morando, praticamente, em pleno mato, distante de vizinhos e povoados, sem companheiros com quem pudesse brincar, fiquei gostando muito da minha nova pátria, assim como, também, mamãe que, apesar dos duros trabalhos a que se via submetida, as restrições que era obrigada a sofrer, no vestuário, na alimentação, nas distrações, não se cansava de bendizer a Providência por tê-la encaminhado para uma terra tão dadivosa. A vida era árdua. Quando precisávamos de sal, açúcar ou outro gênero de primeira necessidade, tínhamos que ir, a pé, a Blumenau porque ainda não possuíamos animal de montaria e não havia vendas pelas redondezas. Somente um ano depois é que conseguimos comprar uma vaca. Nos primeiros meses, vivemos com 50\$000 (50 cruzeiros) que recebêramos da direção da colônia e mais algum dinheiro que trouxêramos da Alemanha, resultado da venda dos nossos móveis. Também no Destêrro haviam nos dado algum xarque e peixe-sêco, e açúcar muito preto, alimentos a que não estávamos habituados e que, a princípio, comemos com alguma desconfiança. Havíamos trazido ferramentas, que nos foram entregues



**Augusto Sievert e sua esposa, Ema, nata Benhardt, em uma fotografia de poucos anos atrás. Augusto Sievert, neste artigo, conta a sua vida cheia de lances interessantes, entremeiando a narração com a citação de fatos de grande valor histórico. Dona Ema faleceu no ano passado, depois de 87 anos de vida, grande parte da qual dedicada ao esposo e filhos, dando, sempre, exemplos de dona de casa**

modelar, pelo seu amor ao lar e sua dedicação à família.

no porto de Autuérpia, bem como panelas e pratos de fôlha. Em Blumenau, compramos farinha de mandioca e mandamos moer milho para fubá. Durante mais de um ano, vivemos, exclusivamente, de pirão, carne de porco, uma galinha de quando em quando e, naturalmente, alpim, que era o alimento básico. Ovos, tínhamos em abundância, pois não havia a quem vendê-los. Comíamos em vez de pão. As vezes, alguns colonos já mais antigos nas proximidades, mandavam-nos "buttermilch", que era o leite desnatado, pois, como disse, não tínhamos ainda podido comprar uma vaca. Com o tempo, plantamos arroz, de sementes que nos foram fornecidas pela direção da colônia.

Certa feita, um colono tinha, de sobra, uns trinta quilos de feijão. Pensou em fazer, com êles, um pouco de dinheiro. Foi a cavalo a Blumenau. Ali ofereceu a mercadoria, de casa em casa, sem encontrar quem a quizesse comprar. No regresso, desgostoso com o fato, e quando atravessava a ponte do Garcia, jogou tudo no ribeirão. Contou o episódio aos seus vizinhos que dêle se riram a valer.

Minha mãe, infelizmente, faleceu no ano seguinte ao da nossa chegada. Contava aproximadamente, 50 anos. Tinha ido, comigo, à cidade fazer compras; voltou carregada de gêneros, inclusive de batatas para semente. Eu levava parte da carga, mas, ao atravessar um mato mais espesso, enchi-me de medo, de sorte que minha mãe ainda tomou sobre si os volumes que eu trazia. É possível que o esforço tivesse sido demasiado, pois, ao chegar em casa, sentia grandes dôres e não conseguia dormir. Depois de duas semanas de sofrimentos, transportaram-na para Blumenau, em cujo hospital faleceu um mês depois. A direção da colônia encarregou-se das despesas do enterro. Atravessei, então, uma época tristíssima. Fiquei só, com meu pai e, diante dêste, disfar-

çava o meu grande pesar. Mas, mal êle se afastava, eu punha-me a chorar amargamente. Contava, então, 10 anos de idade. A vida, sem mamãe, torna-se insuportável, vazia e só senti algum alívio quando um dos meus irmãos mais velhos, casando-se, foi morar conosco. Tínhamos, ao menos uma dona de casa que olhasse pelo nosso bem-estar. Quando completei onze anos, comecei a insistir com meu pai e meu irmão mais velho para que me levassem para Blumenau, onde pretendiam frequentar uma escola, pois, próximo ao nosso lote, só muitos anos depois foi aberta a primeira escola. Afinal, depois de muita insistência, meu pai concordou. E lá me fui eu, a pé, como de costume, para a sede da colônia, onde me hospedei em casa de meu tio Alberto Gaulke, que tinha o seu lote na atual rua S. Paulo, quase em frente da fábrica de chapéus Nelsa, uns 50 metros para cima. Passei, então, a frequentar a escola de Itoupava, próxima à residência do sr. Walter Berner, em casa que pertence, atualmente, à viúva do sr. Pedro Pereira. Pagava a hospedagem a meu tio, ajudando-o, à tarde, nos trabalhos da roça.

Por êsse tempo, festejou-se o 25.<sup>o</sup> aniversário da fundação de Blumenau e lembro-me que, já então, se discutia sobre a verdadeira data dessa fundação que uns queriam fôsse a da chegada dos primeiros imigrantes, em 2 de setembro de 1850, e outros a de 28 de agosto de 1852, da distribuição dos primeiros onze lotes de terras. Não vi o Dr. Blumenau entre as pessoas que compareceram às festas.

Meu irmão mais velho convidou-me, depois, a ir morar com êle, na Vorstadt, alegando que, assim, eu poderia frequentar a escola pública, que estava situada onde hoje é o hospital Sta. Catarina. Gostei da nova situação, pois melhorrei bem de vida. Mas isso durou pouco.

Certo dia, o irmão que morava com meu pai, veio a cavalo a Blumenau e convidou-me, insistentemente, que eu fôsse com êle, pois, uma vizinha faria anos no domingo e os festejos seriam grandes. Prometeu-me que me traria de volta a Blumenau na segunda-feira. Um pouco contrariado, eu acedi ao convite. A festa de aniversário foi, de fato, de arromba, mas, nessa mesma noite, minha cunhada deu à luz uma criança e meu irmão se viu impossibilitado de levar-me a Blumenau, como prometera. Começaram, então, tanto meu irmão, como meu pai, a insistir que eu permanecesse com êles. Não gostei nada da proposta, mas como meu pai me assegurasse que iriam, em breve, ter também uma escola em Tatutiba, acabei cedendo. A escola só veio vários anos depois e eu, ao todo, não havia frequentado mais de oito meses as duas escolas de Blumenau. A minha vida, pois, voltou a ser trabalhar na roça, ordenhar e tratar as vacas e, ainda por cima, cuidar dos sobrinhos pequenos.

Quando chegou a época de ser confirmado, voltei para casa de meu tio Gaulke, em Blumenau, para frequentar a doutrina. Isso foi pela época da grande enchente de 1880. Confirmado, voltei à colônia, mas por pouco tempo. Prefери empregar-me, como mensalista, "Monatslöhner", como se dizia, em alguma casa da vila. Meu irmão me informou que o sábio Fritz Müller precisava de um.

Não perdi tempo em lá ir, embora muita gente me tivesse avisado de que, na casa de Fritz Müller, não agüentava empregado nem empregada, porque ali eram econômicos demais, no tocante à alimentação. Aliás, foi exatamente por êsse motivo que os meus primeiros tempos, como empregado da família do sábio, não foram lá muito agradáveis, embora eu já estivesse acostumado ao trabalho árduo, penoso, grosseiro mesmo. A escassez dos alimentos que eu recebia, era compensada com as bananas que eu escondia, nas imediações da casa, para devorá-las quando me via longe das vistas dos meus patrões. O meu ordenado era de 8 mil réis (8 cruzeiros) por mês. Fiquei alegre quando recebi o primeiro salário. Era o primeiro dinheiro que eu ganhava, a custo do trabalho das minhas mãos. Comprei fazenda para uma calça e uma camisa e mandei costurá-las, tendo tudo me custado 6 mil réis. Fiquei com dois de resto, que eu virava e revirava na palma da mão, admirando-os.

Com o passar dos dias e apesar dos pesares, fui gostando do emprêgo. Especialmente porque o Dr. Fritz Müller tinha, em casa, os seus dois netos, Hans e Fritz, filhos de uma das suas filhas, que era separada do marido porque êste deira-se à bebida. Fritz tinha dois anos e meio e Hans Lorenz quatro anos de idade. Afeiçãoaram-se a mim de tal forma, que não faziam questão de que a mãe e os avós fossem passear, aos domingos, e os deixassem comigo em casa.

E quando, nesses dias de descanso, eu resolvia dar o meu passeio, tinha que afastar-me às escondidas, para que os rapazes não me vissem, senão a chora-deira seria certa. Fritz Lorenz era um rapazinho muito bom e afetuoso. Lembro-me que, certa vez, Hans Lorenz insistiu com a avó, a senhora Fritz Müller, para que esta lhe desse uma bengala, que o pai ali deixara. Mas a senhora Müller negou-se, dizendo-lhe que só lhe daria a bengala, quando êle, Hans, fôsse homem, e um homem direito. Certa feita, um irmão de Fritz Müller, Wilhelm, que também era um sábio naturalista, veio da Alemanha visitar o irmão e aqui permaneceu por algumas semanas. Êle dava-me muitas gorgetas, por pequenos serviços que eu lhe prestava, o que me fêz simpatizar mais ainda com a sua pessoa. Fritz Müller era homem muito comedido e eu nunca lhe ouvi levantar demais a voz para ninguém; não me lembro de o ter visto metido em discussões. Não ligava para os afazeres domésticos, vivendo, apenas, para os seus estudos, para as suas plantas. Destas, êle rodeara a casa, havendo-as de centenas de variedades. Andava, quase sempre, descalço e em mangas de camisa. Em virtude da minha condição de empregado do sábio, entrei várias vezes em contato com o dr. Blumenau, a quem ou levava livros e plantas da parte de Fritz, trazendo, a êste, outros objetos em troca. Pelo menos naquele tempo, o Dr. Blumenau era bem mais magro do que se pode imaginar, observando-lhe a estátua, que foi levantada na praça do seu nome. Por aquêl tempo, a senhora do Dr. Blumenau já havia regressado à Alemanha. O fundador da colônia era de temperamento áspero, severo e quase sempre estava de mau humor, gritando com todos. Os colonos, apesar de respeitá-lo e de estimá-lo mesmo, não queriam muito contato com êle, procurando, sempre que possível, entender-se a respeito do seu negócio com Hermann Wendeburg, que era o guadalivros e pessoa muito boa e delicada. Certo dia, vieram três colonos contando que tinham visto nas suas colônias alguns bugres e que êle mandasse o sr. Deeke, chefe da guarda de batedores de mato, para persegui-los. Eu estava presente nessa ocasião e lembro-me bem quando o Dr. Blumnau, com aspereza na voz, disse aos colonos: "Besser aufpassen, besser aufpassen, aber nicht schiessen" e sem mais conversa, virou-lhes as costas e foi para dentro. Interveio, então, o sr. Wendeburg, e, animando os colonos, disse-lhes que poderiam ir para casa; êle conversaria com o sr. Deeke para dar uma batida nos arredores no lugar do aparecimento dos bugres. Tive mais de um encontro com o dr. Blumenau e nunca o vi sorridente; sempre de feições carregadas me perguntava: "Então, rapaz, que é que queres de novo?" Dado o recado, respondia-me, no mesmo tom sêco: "es ist schon gut", sem mais conversa. No tempo em que eu frequentava a escola, como já contei, deu-se a inauguração da igreja protestante, solenidade a que assistí. Eu estava bem perto do Dr. Blumenau, dos senhores Wendeburg e Kroberger e me lembro ainda de partes do discurso pronunciado pelo Dr. Blumenau, antes de entregar as chaves do templo ao pastor Hess. Elogiou os esforços do sr. Wendeburg na administração das obras, a dedicação de Kroberger na fiscalização dos trabalhos de construção, fazendo especial referência às belas janelas de cimento. Fiquei apenas um ano e quatro meses a serviço de Fritz Müller. Quando puz os meus patrões ao corrente da resolução, que eu havia tomado, de deixar o emprêgo, fizeram tudo para reter-me, chegando até mesmo a ameaçar-me com a intervenção da polícia.

Conheci bem os homens daquele tempo. Friedenreich era o médico, mas o povo dizia que êle só tinha estudado veterinária. Morava na casa em que, mais tarde, residiu Elesbão Pinto da Luz e depois o Sr. Augusto Zittlow. Emilio Odebrecht e Teodoro Kleine eram os engenheiros da colônia. Odebrecht andava, quase sempre, longe de casa, a serviço no interior da colônia, e o povo já comentava que êle só vinha em casa, de ano em ano, preparar um novo filho e só voltava quando o filho já estivesse nascido.

Também dei-me muito bem com o pastor Hess. Com 10 anos, já frequentava eu a pequena igreja, instalada numa casa de madeira. Conheci as suas duas filhas. O filho já tinha ido para o Rio de Janeiro onde, segundo soube mais tarde, lá faleceu. As filhas eram casadas com os srs. Hartenthal e Riedel, êste dentista, que morou, tempos depois, na casa que fôra do Dr. Blumenau. Por sinal, quando eu andava pelos meus 19 anos e era empregado do sr. Von Okel, fundador da casa comercial que é, hoje, a Companhia Lorenz, de Timbó, êste também

morava naquela casa. Assim eu também tive a honra de morar sob o teto que, por muitos anos, abrigou a família do fundador da colônia.

O sr. Kleine, pai de Teodoro e avô do sr. Rudi Kleine, ainda vivo, também era funcionário da direção da colônia. Há pouco tempo, uma filha de Teodoro Kleine, que eu conheci muito bem no tempo de moça, morreu em Itoupava Norte, com 91 anos de idade.

O Sr. Hosang era proprietário de uma cervejaria, onde dois dos meus irmãos também trabalharam. Carlos Rieschbieter, mais tarde, também fundou uma cervejaria, onde hoje mora o sr. Walter Berner. Guilherme Rieschbieter tinha uma fábrica de vinagre, vinho de laranjas e salão de baile, com bar.

Assisti ao lançamento da pedra fundamental do Colégio São Paulo e lembro-me ainda de muita coisa do discurso que, então, proferiu, em alemão, o vigário Padre Jacobs. Entre outras coisas ele afirmava, em tom profético, que para frequentar aquele colégio viriam rapazes de todos os quadrantes do Estado, naturalmente não durante a sua vida, mas na dos seus sucessores. O Padre Jacobs também era um tipo muito enérgico e sempre de cara fechada.

Lembro-me que, na povoação, existiam as casas comerciais de Meyer & Spierling, Francisco Faust, Henrique Koehler, Heirich Probst, Schrader e outras.

Entre os meus 15 e 18 anos, trabalhei nas casas de Pershun, do Pastor Stutzer e depois na de Fritz von Okel, onde lavei muita manteiga. Fui eu, aliás, que lavei a primeira manteiga, em máquina manual, a qual era exportada para o Rio de Janeiro em latas de meio quilo. Uma das casas ficava em Itoupava Seca e a outra em Timbó. Nesta última cidade, von Okel mandou construir uma casa de moradia, que ainda existe.

Mais tarde, fui aprender a fazer charutos na fábrica do sr. Hermann Weise, que ficava na Velha, no entroncamento da rua Paraíba com a rua 7 de setembro e a rua São José.

Antes, eu fora carroceiro do Barão von Koppe. Uma vez, fui com este senhor a cavalo para Florianópolis. Saímos de Blumenau ao meio-dia e chegamos em Brusque à noite, hospedando-nos no Hotel "Zum deutschen Kaiser". Na manhã seguinte, arranjamos um rapaz, para nos servir de guia até Tijucas, pois até lá só existia uma picada. À noite, chegamos em Tijucas. Seguimos sôzinhos, no dia seguinte, acompanhando a linha telegráfica, pois não havia propriamente estrada. Viajamos sempre a cavalo porque o barão von Koppe não suportava viajar por mar. As 11 horas, mais ou menos, avistamos a ilha de Sta. Catarina. Seguimos, subindo os morros a pé, até que, às 5 da tarde, alcançamos a praia. Deixamos os cavalos aos cuidados de uma viuva e atravessamos o estreito de bote. Ficamos três dias em Destêrro, hospedados no Hotel Freyesleben, que ficava próximo ao jardim, onde se ergue o monumento aos heróis do Paraguai.

O Sr. von Koppe fôra a Destêrro retirar cinco contos de réis do Consulado Alemão, que sua mãe lhe tinha enviado. No regresso, em Tijucas, o Barão sentara-se numa esteira e começara a contar o dinheiro na presença de muitas pessoas. Assustei-me com esse fato e chamei a atenção do patrão que, temeroso de algum assalto, dormiu de revolver na mão. Ao chegarmos em Brusque, um dos cavalos, na balsa, não pôde mais resistir e caiu de cansado. Fiquei, então, três dias, no hotel, até que o cavalo estivesse em condições de prosseguir viagem.

Proclamada a República, também fiz-me eleitor. Por ocasião da grande revolução, os insurretos do Rio Grande passaram por Blumenau, tendo, para isso, obtido licença. Comprei, dos mesmos, dois burros arreados, por 20 mil réis cada um. Os meus parentes adquiriram outros. Os revolucionários eram gente boa e decente. Pagavam tudo que compravam. Durou semanas a passagem das tropas pela cidade. As últimas foram de "castelhanos" do Rio Grande, que não tinham espingarda, mas vinham equipados de lanças. Não estavam fardados, mas cobertos de roupas que eram mais trapos que outra coisa.

Uns quatorze dias depois, quando chegou a notícia de que os rebeldes iriam passar novamente por Blumenau, em retirada, foram convocados civis, para se alistarem nas tropas fiéis ao governo. Também me convocaram para ajudar a deter os rebeldes, caso ultrapassassem Blumenau. Grupos foram designados para diversos lugares. Fui com alguns companheiros para Garibaldi, além da Serra, pela "Pommerstrasse". Chovia e chegamos completamente encharcados. Fizemos acampamento na serra, distribuídos em duas divisões, que vi-

giariam a picada, por onde se supunha os rebeldes pretendessem atravessar, em direção ao norte. Ficamos ali acampados oito dias. Houve grande falta de mantimentos, de sal, principalmente. Éramos comandados pelos srs. Hermann Baungarten, Hermann Rüdiger e outros. Certo dia, chegou a notícia de que marinheiros de um navio de guerra, o "Angra dos Reis", que, graças à cheia do Itajaí, havia subido o rio, tinham desembarcado em Blumenau. Imediatamente, procuramos regressar a essa cidade, deixando, no acampamento, muitos de nós, os seus equipamentos. Isso foi dois dias antes do Ano Novo. Em Passo Manso, vieram ao nosso encontro, dois marinheiros montados. Era gente indisciplinada; onde quer que encontrassem animais, montavam-nos sem piedade, comportando-se como loucos. Maltrataram tanto os cavalos que alguns destes, pouco depois, morreram. Quando o rio começou a baixar, deixaram a cidade, descendo para Itajaí.

Por essa época, eu fabricava charutos na casa de meu tio, Alberto Gaulke, quando começou a ferver a política em Blumenau, entre os dois partidos, republicano e maragato. O Dr. Cunha, Hercílio Luz e Paula Ramos eram contra o Sr. Elesbão Pinto da Luz, que era Delegado de Polícia nesta cidade. Correu o boato de que os republicanos tinham atirado contra Elesbão. Prenderam os Drs. Hercílio, Bonifácio e Paula Ramos e os levaram para Destêrro, a fim de serem processados. Aproximadamente um mês depois, eles voltaram com o vapor "Progresso". Nesse dia, houve festividades tendo havido recepção com foguetório e, à noite, bailes em quatro salões: no Baungarten, no Schrepp, no Holetz e nos Atiradores. Depois da meia noite, quando a festa ia animada, surgiram brigas, provocadas pelos adversários. Houve feridos, no salão Schrepp, entre os populares e os policiais que, da rua, atiravam para dentro do salão. Mais tarde, Elesbão abandonou Blumenau e correu boato de que ele regressaria à frente de um destacamento de policiais para arrazar Blumenau. Então os chefes republicanos convocaram os cidadãos blumenauenses para formarem uma guarda de defesa, tendo eu também feito parte dela. Noite por noite, durante oito dias, montamos guarda em diversos setores: na Vorstadt, no Garcia, na Schützenhaus, no rio, etc. Certa tarde, ouviu-se forte tiroteio na Vorstadt (onde, hoje, é o viaduto da estrada de ferro, que atravessa sobre a rua Itajaí). O Sr. Rischbieter veio de carroça e convocou quantos pôde encontrar para a defesa. Eu também para lá fui. Mas, ao chegarmos ao local da barricada, não havia mais nada. Elesbão e a sua gente já se tinha retirado. Deixaram dois mortos e alguns feridos. Do nosso lado não houve baixas, nem por morte, nem por simples ferimento, pois, ocultos como nos achávamos, os adversários não nos podiam enxergar bem. Os feridos foram tratados na casa do Dr. Fritz Müller. Este, Schwartz e outros maragatos, porém, estavam detidos na Câmara municipal. Correu, mais tarde, o boato de que Elesbão havia se retirado para a sua residência, em Belchior, onde estaria reorganizando a sua gente, entre a qual, dizia-se, havia soldados uniformizados, para voltar a atacar Blumenau. Formamos, então, novo grupo bem armado, no qual se alistaram alguns membros da sociedade dos Atiradores e marchamos para Belchior. Ia à frente o sr. Riedel, que era partidário de Elesbão (era dentista e genro do pastor Hess) e que anteriormente fôra prêso. Levava-se-o na esperança de que ele conseguisse a rendição dos maragatos, sem luta. Ao chegar ao local, entretanto, nada foi encontrado de anormal, visto como Elesbão e a sua gente já haviam se retirado.

Eu e meu primo Roberto Gaulke voltamos ao nosso trabalho na fabricação de charutos. Continuei por mais sete anos a trabalhar na fábrica de meu tio, Alberto Gaulke. Consegui comprar um terreno, na rua São Paulo, de, aproximadamente, 30 metros de frente e algumas centenas de fundos, pelo preço de 500 mil réis (Cr\$ 500,00). Construí uma casa de tijolos, que ainda hoje existe, ao lado das oficinas da Auto Viação Catarinense, na Itoupava-sêca e casei-me, então, com Ema Bernhardt, filha de Guilherme Benhardt, pedreiro, que residia no Garcia. Contava eu, então, 28 anos de idade.

Quando foi decretada a selagem dos charutos, os fabricantes se reuniram e protestaram. Nada conseguiram, porém. Ninguém se negava a pagar os selos, mas se insurgia contra a exigência absurda de selar os charutos, um por um. Todos os fabricantes de charutos fecharam, então as suas fábricas, inclusive a Salinger, que começou a comprar tabaco, exclusivamente para exportação. Mu-dei-me, então, para Itoupava Central, próximo à Companhia Jansen, onde havia

adquirido um lote colonial por 3 contos de réis. Por êsse mesmo preço, entretanto, vendi-o cinco anos mais tarde. Nesses cinco anos de trabalho na roça, prosperei bem. Mas, tanto eu, como minha espôsa, tivemos que trabalhar árduamente. Possuíamos muitas vacas, porcos e galinhas. Vendi muitos leitões, em Blumenau, a 8 cruzeiros cada um. Além dos trabalhos da roça, eu ainda trabalhava, durante seis meses cada ano, na Companhia Salinger, selecionando folhas de tabaco para serem enfardadas e exportadas. E, durante êsses meses, minha mulher ficava sôzinha na colônia, com nossos dois filhos, Walter e Willy, auxiliada, apenas, por uma empregadinha de 12 anos. Nos sábados, eu deixava a Companhia Salinger às 5 horas da tarde e, a pé, ia para casa, onde chegava altas horas da noite. E, aos domingos, durante o dia todo, cuidava dos serviços mais pesados, como cortar lenha, buscar trato para as vacas etc. a fim de que minha mulher não precisasse fazê-los durante a semana. E para aproveitar bem o tempo, não fazia nem mesmo minha sesta costumeira, depois do almoço. Nos domingos à noite, ou pelas 3 horas da madrugada de segunda-feira, punha-me a caminho, para o serviço da fábrica, onde deveria estar às 6 da manhã. Foi uma época duríssima, que por preço algum eu reviveria.

Em 1907, ou 8, mudamo-nos para a Velha, onde eu tinha também um pequeno lote. Continuei trabalhando, por vários anos, na Companhia Salinger, durante os quais construí algumas casas, cujo aluguel auxiliava-me nas despesas domésticas.

Passando, às vêzes entre Blumenau e Áltona (Itoupava-Sêca), noto, com tristeza e com saudade, que nenhum dos meus amigos e conhecidos daquêles tempos é ainda dêste mundo. Todos já partiram para a eternidade. E agradeço o céu que apesar de me ter dado uma vida de trabalho penoso, me conserva ainda ~~com~~ vida e saúde aos 94 anos de idade, completos a 23 de março último. Minha espôsa morreu no ano passado, com 87 anos.

E quando, agora, vou até o cemitério levar-lhe, ao túmulo, algumas flôres e a minha saudade, passo os olhos por tôdas as sepulturas que rodeiam a dela, guardando, há muito, sob a folhagem bem cuidada, os restos de velhos parentes amigos e entes que ainda vivem na minha lembrança, consolo-me com a única alegria que ainda me resta, que são os meus netos e bisnetos. Peço a Deus que os oriente para o trabalho e para a virtude, que foram os meus maiores ideais na vida.



**A** freguesia de São Pedro Apóstolo, de Gaspar, no dia 25 de abril do próximo ano de 1961, completará o seu centenário de criação, verificada em virtude da lei provincial n.º 509.



**N**AS margens do Itajaí-Açu, onde residia, falece a 29 de abril de 1793, Ana Maria da Costa, com 90 anos de idade. Era espôsa de Antônio Dias de Arzão, que também morreu noagenário. Êsse casal é dos mais antigos moradores do Vale do Itajaí, se não foi o primeiro.



**Aproxima-se o Centenário de fundação de  
Brusque - não deixe de visitar aquela  
cidade durante os festejos comemorativos.**

### “KRISCHAN”

Era dos mais conhecidos, aquêlê tipô cretino, de pequena estatura e de corpo desproporcionado que, por volta de 1880, apareceu em Blumenau fazendo pequenos serviços aos seus moradores.

Naquela época, devia ainda ser moço, embora com a aparência de homem idoso. Dotado de fôrça extraordinária, manejava o machado e a enxada com singular destreza.

“Krischan” (Cristiano) era dono de uma pequena propriedade, situada na atual alameda Rio Branco. Herdara-a de seus pais. Ali vivia só. O sítio não lhe bastava para o sustento, por isso se via na necessidade de procurarar serviço aqui e ali, coisa, entretanto, que não lhe faltava. Normalmente, ganhava pouco, quando não se empregava apenas pela comida.

Tinha o andar pesado e cambaleante, o que lhe valeu o apelido de “Schlepp-Krischan”. Eram principalmente as crianças que lhe corriam atrás, gritando-lhe piadas e zombarias. Debandavam, porém, imediatamente, quando êle se voltava de súbito, ameaçando castigá-las. Aliás, por mais de uma vez, fizera-lhes sentir o peso do braço.

Seu tesouro era uma grande nogueira que crescia, frondosa, no meio do seu terreno. Quando as nozes amadureciam, êle as vendia a um comerciante estabelecido nas proximidades, que era metido a fazer experiências. Entre estas, o negociante tentava a de extrair azeite de tudo quanto era planta oleaginosa.

Êsse negociante tinha uma filha, ainda solteira, que era cobiçada pelo “Krischan”. Alguns rapazes travessos meteram-lhe na cabeça que devia desposar aquela moça.

Sem muitos rodeios, “Krischan” procurou o pai da amada e, meio gaguejante, pediu a mão da moça, dizendo-lhe mais ou menos isto:

— Se não caso com a tua filha, não te fornecerei mais das minhas nozes!

Ê que os rapazes lhe haviam metido na cabeça que, tôda a sorte do negociante dependia, exclusivamente, das nozes do “Krischan”, e que se êste não as fornecesse mais, o outro estaria arruinado.

O negociante sentiu-se gravemente ofendido e respondeu à proposta de “Krischan” com uma tremenda descompostura.

“Krischan”, por sua vez, sentido com a recusa e muito zangado, ao voltar para casa, tomou de um machado e pôs abaixo a bela nogueira, certo de que, com isso, acabaria, também, com a prosperidade do comerciante.

De outra feita, aconteceu uma coisa engraçada.

Um brasileiro de origem alemã, residente em Brusque, e que não conhecia Blumenau, passando pela primeira vez, pela empoeirada rua principal da nossa cidade, indagou de um transeunte, que por acaso era o “Krischan”, que também passava de machado ao ombro, do enderê-

ço de um certo Carlos Müller. Aconteceu que o forasteiro tinha a voz fanhosa, tal qual a do "Krischan". Acreditando que o outro o estava arremedando, "Krischan" retrucou indignado:

— Porque está o senhor zombando de mim?

O forasteiro, por sua vez, entendeu que quem o arremedava era "Krischan" e respondeu-lhe tanto ou mais indignado. Passaram a discutir cada qual mais acaloradamente e teriam chegado às vias de fato se um passante, percebendo o motivo da briga, não tivesse apaziguado o ânimo dos contendores.

Não sei dizer como foi que, mais tarde, "Krischan" perdeu a sua pequena propriedade. O que é fato é que, quando ficou velho, não tinha onde repousar o seu corpo fatigado. Permitiu-se que êle dormisse no porão do velho prédio da Prefeitura, numa canoa posta fora de serviço. Encontrou gente caridosa, que não o deixava morrer de fome. Extinguuiu-se abandonado e sem que alguém o percebesse.



**F**OI no mês de abril de 1881 que se fizeram as primeiras experiências de moagem de trigo, em Itajaí, com grãos importados pela firma W. Asseburg & Cia. daquela cidade.



**P**ELOS bons serviços prestados à colônia Blumenau, na presidência da província e no parlamento nacional, a Sociedade de Atiradores de Blumenau confere, em abril de 1882, ao dr. Alfredo d'Escaragnolle Taunay, Visconde de Taunay, o diploma de sócio honorário.



**U**M capítulo interessante do folclore catarinense, seria a reunião de crendices e superstições dos nossos antepassados. No litoral, há coisas muito originais nêsse particular. Por exemplo, êste "faz mal" colhido no município da Penha: "Quem não quizer ir para trás, na vida, não deve comer galinha no dia primeiro do ano e, sim, carne de porco; isso porque a galinha cisca para trás, ao passo que o porco focinha para a frente". No gênero, a orla litorânea de Santa Catarina é das mais ricas do Brasil.



**PARA COMEMORAR O CENTENÁRIO DA SUA EMANCIPAÇÃO POLÍTICA, A 15 DE JUNHO DÊSTE ANO, ITAJAÍ PREPARA GRANDES FESTEJOS. APROVEITE A OPORTUNIDADE PARA UMA VISITA À LINDA CIDADE DA FOZ DO ITAJAÍ.**

## 9.º – HENRIQUE PROBST (1893-1895)



Os fatos já aludidos, provocados pela situação anormal e de grande irritação política que o município, o Estado e o país atravessavam, foram se reproduzindo pelo decorrer de 1893 e 1894.

O tenente Machado, governador do Estado, rompeu em definitivo com o Marechal Floriano e puzera-se, ostensivamente, ao lado dos maragatos.

Isso acendeu novas esperanças no espírito dos republicanos da capital e do interior. O governo federal, embora procurando encobrir os seus desígnios, passou a hostilizar o governador, de tôdas as maneiras possíveis, dando mão forte aos próceres republica-

nos, chegando mesmo a fornecer-lhes armas e munição e fazendo vista grossa às atividades francamente subversivas, em que se desenvolviam, com a ciência e o apôio do chefe do distrito militar e do comando das unidades do exército sediadas na capital. Denunciado por Felipe Schmidt, o tenente Machado foi pronunciado pelo juiz federal, como incuso no artigo 112 do Código Penal e, por fôrça dessa sentença, constrangido a passar o govêrno ao vice-governador Eliseu Guilherme da Silva. Este, entretanto, seguia as mesmas normas do Tenente Machado.

Hercílio Luz, Bonifácio Cunha, Paula Ramos e seus companheiros, orientando, no município, e mesmo no Estado, a corrente republicana, intensificaram a campanha contra os senhores da situação em Santa Catarina.

Os maragatos, nas eleições municipais realizada em Blumenau, a 21 de janeiro de 1893, foram escandalosamente derrotados. Não houve outro remédio senão empossar a Intendência então eleita. E foi o que se verificou a 2 de março, seguinte, tendo sido eleito presidente o comerciante Henrique Probst. Oto Stutzer foi nomeado procurador.

Prestigiado, pelo govêrno da república, Hercílio Luz, à frente de civis armados e em companhia do juiz de direito de Tijucas, Genuino Vidal, depõe a Câmara daquela Vila. O govêrno do Estado, ao ter conhecimento do sucedido, envia fôrças da polícia para efetuarem a prisão de Hercílio e dos demais chefes republicanos e restabelecer a ordem no município.

Essas forças foram repelidas em sangrento combate, verificado, mais ou menos, onde atualmente se situa a ponte sobre o Itajaí, na rua desse nome, na "Vorstadt", a 28 de julho. (Ver relato desse feito no "Livro do Centenário de Blumenau", pág. 440). Dias antes, a 22 de julho, a Intendência Municipal, reunida em sessão solene, sob a presidência de Henrique Probst, aclama governador do Estado o dr. Hercílio Pedro da Luz e declara Blumenau a capital provisória de Santa Catarina. Henrique Probst deferiu a solene promessa ao governador aclamado que, reunindo os seus partidários e muitos colonos armados, seguiu à frente deste para Destêrro, onde, na madrugada de 31, atacaram o palácio, a Câmara, ocuparam o tesouro e outras repartições e depuzeram o vice-governador em exercício.

Entretanto, para coonestar a sua atitude, ante a onda de clamores que se levantou, o marechal Floriano determina que a guarnição federal de Destêrro intervenha para reconduzir ao seu pôsto a autoridade constituída, tendo demitido Hercílio Luz do cargo de Chefe do Serviço de Terras e Colonização. Este teve de se retirar da capital com a sua gente.

De tudo isso e de outros fatos que aqui não é possível resumir, resultaram sérios danos a Blumenau. Indaial e Gaspar foram desmembrados de Blumenau (4 de outubro de 1893), o primeiro para se constituir município autônomo, cuja sede foi elevada à categoria de vila, e o segundo foi anexado ao município de Itajaí. Em vista de três dos intendentes, João Scoz, Aleandro Lenzi e João Bernardo Haendschen morarem, os dois primeiros no território do novo município de Indaial e o último no de Gaspar, a Intendência resolveu, a 7 de fevereiro de 94, proceder à nova eleição para as vagas abertas. Blumenau, com êsses desmembramentos, ficara reduzido a apenas seis mesas eleitorais com 1307 eleitores. As eleições tiveram lugar em 11 de março. Foram eleitos Henrique Miehe, com 121 votos, Antônio Schroeder com 93 e Henrique Grewsmuehl com 60. Tomaram posse a 2 de abril.

Depois de vitoriosa a causa da legalidade, eleito o dr. Hercílio Luz para o cargo de governador do Estado, voltaram os distritos de Indaial e Gaspar à jurisdição de Blumenau, que recebeu muitos auxílios e favores do grande chefe republicano. Voltaram a funcionar os conselheiros, ou intendentes, para a substituição dos quais se fizera a eleição de 11 de março. Francisco Margarida, que era desde 25 de abril de 1893 o secretário da Intendência, resignou a êsse cargo, sendo para êle nomeado Erich Gaertner.

Pelo decreto 197, de 28 de julho, foi Blumenau elevada à categoria de cidade. A 25 de novembro desse mesmo ano, realizaram-se as eleições para deputados estaduais, tendo sido eleitos, por Blumenau, Paula Ramos e Francisco Margarida. Finalmente, a 7 de abril de 1895 realizaram-se as eleições para superintendente e conselheiros municipais, os quais assumiram o exercício de seus cargos a 16 do mesmo mês e ano.

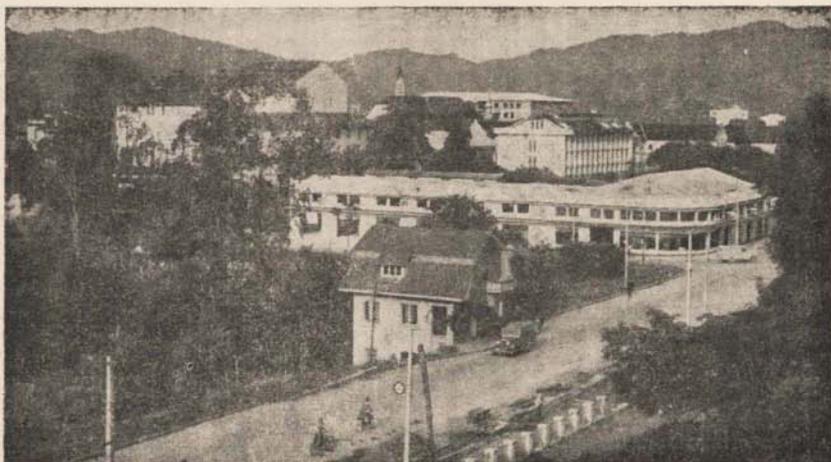
Com Otto Stutzer começou uma era de paz e de prosperidades para a comuna blumenauense.

Henrique Probst dirigira a Câmara de 2 de março de 1893 a 16 de abril de 1895, o período mais agitado por quê tem passado a vida administrativa e política de Blumenau.

Natural de Helmstedt, na Alemanha, Henrique Probst nasceu a 8 de setembro de 1843, imigrando para Blumenau em 1865. A 19 de dezembro de 1867 casou-se com Carolina Koehler. Em princípios de 1869 estabeleceu-se com padaria, à qual ajuntou, posteriormente, um negócio de conservas e uma livraria e papelaria. Anos depois, deixou de lado a padaria e aumentou o seu negócio com uma seção de ferragens. Gozou sempre, pela sua honestidade, a inteira confiança do dr. Blumenau que, ao retirar-se para a Alemanha, após a emancipação da sua colônia, constituiu Probst seu procurador. Foi um homem que se fez pelo seu esforço, pela sua atividade, pelo reto proceder. Fazia parte de quase tôdas as sociedades culturais e recreativas da cidade. Foi presidente do Clube Germânia, sócio da Sociedade dos Atiradores, tesoureiro da "Kranken Verein", que administrava o Hospital Municipal. Fazia parte da diretoria da Escola Nova. Além de presidente da Intendência, foi juiz de paz e tomou parte ativa nas lutas travadas na política municipal. Juntamente com Frederico G. Busch comprou a tecelagem Roeder, hoje transformada na monumental Empresa Industrial Garcia. Faleceu num sábado, 13 de janeiro de 1906, pelas 8 horas da noite.



## Blumenau pitoresco



Uma interessante vista da estação rodoviária de Blumenau, construída na esquina das ruas 7 de setembro e Padre Jacobs, na administração do prefeito Hercílio Deeke. Ao fundo o Colégio Sagrada Família, com os seus imponentes edifícios que ocupam pitoresca colina.

## Crônica sôbre a cidade de Rio do Sul

PASTOR HERMANN STOER

Tem Rio do Sul lugares diante dos quais possas descançar teus passos, numa muda e respeitosa contemplação? Tem ela marcos significativos do tempo que passou? Certamente, esta cidadezinha entre montanhas, à beira do largo e silencioso Itajaí, é jovem, bem jovem, mal conta 5 decênios. Como em muitas outras cidades, rapidamente desenvolvidas da zona sul, pulsa aqui uma vida que mal nos traz écos do passado. Parece-nos, quase, que Rio do Sul só tenha presente; desconheça um passado. No entanto, apesar de seus poucos anos e apesar de seu ritmo de vida, demarcadamente atual, encontrarás nela lugares que murmuram mensagens de ontem — do qual nasceu o hoje — uma história que nos fala da luta, do espírito e da vitória dos nossos ancestrais.

Subamos a rua que vai à casa paroquial. Deparamos ali com uma vasta área em meia encosta da colina, coberta de gramado, meio à qual se acha uma velha e simples construção de madeira. Três carvalhos montam guarda à sua frente. Estará habitada? Há cortinas nas janelas... através das vidraças vêm-se bancos e quadros nas paredes. Será uma escola? Não, é uma sala de confirmandos. Outrora, esta casa foi uma igreja com torre e sino, construída por volta de 1908, pelos primeiros moradores da cidade. Desde então, por êsses 50 anos afora, a igreja — escola passou por diversas modificações. De início era coberta de folhas de palmito; por três vêzes foi acrescentada uma parte à construção. Essas velhas paredes, se pudessem falar, contar-nos-iam acêrca de muitos destinos humanos, testemunhas que foram de suas agruras e conflitos espirituais. Naturalmente, essa primeira Casa de Deus era humilde e singela, como também era singela e humilde a vida dos primeiros moradores. Mas a força conjunta dessas suas vidas simples e de seu sóbrio modo de ser, justamente, preparou com perseverança e através de privações, o terreno sôbre o qual se ergueu êste presente bem mais ditoso. Foi com suas vindas às celebrações dos cultos, que trouxeram para dentro desta casa o que faz com que uma igreja seja sagrada. Seus hinos, suas orações, suas meditações fizeram do simples casebre de madeira um lugar sagrado de recolhimento. Aqui, nossos ancestrais assistiram aos primeiros cultos, na insegurança da nova colônia. Vês, lá está ainda o primeiro e tôsko púlpito. Ele permanecerá como lembrança dos primórdios de nossa comunidade. Sentemo-nos, agora, à sombra dos carvalhos. Mudos contemplamos o pequeno morro em declive. Através dos pensamentos, desenrola-se o passado diante dos olhos do espírito. Vislumbramos vultos que se aproximam, homens e mulheres, a pé e a cavalo, vestidos à antiga, chapéus de abas largas, saias rodadas. Naquêl tempo, rua alguma vinha dar aqui. Assim rememorando, parece-nos que o passado torna a reviver, tão diferente de hoje, cheio de humildade, de renúncia, de dureza, de seriedade, e — a característica daquela época — cheio de decidida perseverança.

E essa casa de madeira assistiu a êsse passado. Hoje ela não mais abriga uma comunidade em suas paredes, não mais conhece as horas solenes dos grandes dias de festa, em que os hinos ressoam jubilosos, crianças são levadas à pia batismal, moços de corações comovidos dobram os joelhos na confirmação e jovens pares dão-se as mãos para tóda a vida. Nós não te esqueceremos, velha e acolhedora igrejinha, que tão fiêlmente prestaste teus serviços. Bate uma janela, a cortina azul esvoaça na brisa. O que mais querêr contar-nos a velha casa? Através das asas do vento que farfalha nas fôlhas dos carvalhos, chega-nos aos ouvidos num sussurro: "Também assistí a muita tristeza, cenas de discórdia e brigas tiveram lugar entre minhas paredes. Pessoas armadas irromperam numa das salas... Foi um tempo difícil. Acreditei muitas vêzes ter sido construída em vão. No entanto, quando tornava a ouvir as vozes vibrantes das crianças entoando seus hinos, sentia novas esperanças de um futuro de paz. Passou-se aquêl tempo. Fez parte da formação do dia de hoje. Minhas esperanças realizaram-se e eu me sinto feliz, mesmo que isto

me torne solitária e esquecida. "Não, não haveremos de esquecer-te, sagrada igreja de outrora". A janela bate de novo e se fecha, como se estivesse em tempo de irmos andando.

Olha à esquerda, ali está, tão acolhedora, colada à encosta, a casa paroquial. Palmeiras e laranjeiras ocultam o telhado à nossa vista e as janelas espiam por sob as copas das árvores. Esta casa foi construída por volta de 1920. Terá ela uma história a contar-nos? Não, nada de sensacional teve lugar entre suas paredes. Mas os que entre elas moraram foram guias da comunidade e assim sendo, contribuíram para o presente da mesma. Quem tem conhecimento da desunião e discórdia da comunidade em anos passados, sentira respeito pelos que lá moraram. Porque o problema da paróquia, era o seu problema. Quantas vezes encontraram pouca compreensão para com a palavra da verdade. Quantas vezes voltaram para casa deprimidos e espiritualmente arrasados, após uma exaustiva viagem a cavalo. E, onde surgiu uma igreja ou uma escola, eles contribuíram para que de fato fossem elas centros irradiativos de religião, cultura e educação. Não é missão fácil servir todos e a todos. O antecessor do atual pároco, que durante um decênio contribuiu, com o máximo, para a formação presente da comuna; que juntou e formou a comunidade e influenciou a vida cultural da mesma, conduzindo-a a bons êxitos e que, a par disso, tinha que zelar por uma extensa área colonial, esgotou suas forças e sua saúde nesse trabalho importante e multilateral. Veio a falecer nessa mesma casa paroquial. Foi em 1936. Ali na sala da frente, jazia seu corpo, vestindo a batina. Foi um dia negro sob esse teto. Grande foi o luto pela perda do seu pastor e guia. O passado exigiu a vida desse homem como penhor e sacrifício, sem os quais, talvez, o dia de hoje não fosse possível. O trabalho a ser feito no sentido de conduzir a comunidade de Rio do Sul, juntamente com suas inúmeras comunidades filiadas, tinha que desgastar as forças de uma vida humana. Sim, essa é a casa paroquial sob as ondulantes palmeiras, frente à qual, obrigatoriamente, terás que descansar teus passos, se quizeres, respeitoso, contemplar os marcos significativos do passado.

Cá estamos, frente à nova Igreja de Cristo, com sua torre majestosa, plantada sobre o topo da colina, com uma vista magnífica sobre nossa cidade. Erguendo-se os olhos para a torre, à pouca distância, fica-se impressionado com a considerável dimensão de sua estrutura. De sobre a porta principal da igreja saúda-nos o escudo de Lutero, com a rosa de Lutero trabalhada em relêvo. Será um apelo à consciência das gerações futuras, se um dia abandonarem a fé de seus ancestrais. Nota-se também nas formas imponentes, mas simples, da construção da igreja, que essa Casa de Deus nasceu do espírito de um cristianismo luterano sóbrio e realista. Percebe-se, é verdade, a falta de um estilo puro, principalmente penetrando-se em seu interior. Mas não consideremos agora o estilo da mesma. Vejamos o que foi decisivo para nossos antepassados, em sua primorosa igreja. À entrada cai-nos logo na vista a majestosa estátua de Cristo; ergue-se em tamanho sobrehumano por detrás do altar. É o Cristo-Redentor, cópia da obra de Thorwaldsen, produzida pelo escultor Josef Teichmann, então aqui arraigado. Esta imponente escultura de madeira, irradia uma paz que convida à meditação. O olhar e as mãos do Cristo chamam o homem fatigado e oprimido a seus pés. Sente-se, sem que uma palavra seja dita, algo de conforto espiritual. O altar, com seus três paredões de madeira escura, separados por estreitas pilastras encimadas por línguas de fogo, toma conta de todo o "absis". A penumbra que o envolve e a seus altos candelabros e crucifixo, faz com que a alma em meditação se volva para o alto. "Deus está presente"! Era isto, certamente, que nossos antepassados procuraram exprimir em sua nova igreja.

À esquerda e à direita do "absis" estão dependuradas duas coroas de ramos de carvalho enlaçadas de fitas pretas. A inscrição sobre as mesmas indica que sob o altar está sepultado o rev. Pastor Leonhard Grau, durante longos anos pároco da comunidade. Todos os anos, pelo aniversário de sua morte, inúmeros ramos de flores são depositados sobre os degraus do altar, numa homenagem de gratidão de seus fiéis. O teto de arcos concêntricos, formando uma bela abóboda, sustentados por majestosas colunas, mostra que os construtores, em sua concepção religiosa, estiveram à altura de seus ancestrais. É uma obra-prima do mestre-construtor Franz Strube, membro da comunidade. Assim sen-

do, a igreja nova é documento vivo do que nossos pais julgaram dever à sua fé evangélica. E não esqueçamos, os construtores eram sem exceção membros da classe média, operários e lavradores. Para eles, igreja era sinônimo de pátria. E enquanto não tiveram uma igreja digna, não se sentiram em casa na nova terra. Naturalmente, a construção da mesma exigiu grande sacrifício. Mas da responsabilidade pela sua fé evangélica, nasceu o dever de construir-lhe uma igreja e este sentimento de dever trouxe os tributos que a obra exigiu. Para eles, a erecção de uma igreja foi o mais sagrado dever. Saberão as gerações futuras agir da mesma forma?

Aí está a bela igreja de Cristo como uma fortaleza sôbre a colina. A tôrre imponente, com seu telhado vermelho, aponta como uma mão erguida. Nossos antepassados dirigiram os olhos para o alto. A meta de suas vidas era a eternidade. Pensará diferentemente a geração de hoje? Então, eu temo pela alma do meu povo. Pois o que somos e o que realizamos, não nos foi transmitido pelo que foi a fé e o modo de ser de nossos pais? O que a Escritura Sagrada aponta para cada um de nós em particular, vale também para um povo inteiro: "Honrarás teu pai e tua mãe para que se prolonguem teus dias na terra".

Um bando de andorinhas circunvôa o alto da tôrre. Farrapos de nuvens deslizam pelo céu. Quanto tempo ficarás, oh! tôrre majestosa, aqui do alto, como testemunha da fé de nossos antecessores? Eles te construíram sólida e forte para que sobrevivias gerações. Eu sei que tu queres ser um fanal no meio da torrente dos tempos!



## A correspondência de FRITZ MÜLLER

HITOSHI NOMURA

Naturalista

O grande sábio Fritz Müller se correspondia com os mais distintos lumináres da Zoologia: Louis Agassiz, Ernest Haeckel, Hermann von Ihering, Hermann Müller (seu irmão), Charles Robert Darwin e muitos outros. A maior parte dessa correspondência foi reunida pelo seu sobrinho Alfred Möller, micologista de renome, que a publicou na sua obra: "**Fritz Müller: Werke, Briefe und Leben**" — **Zweiter Band: Briefe**, editada em Jena, no ano de 1921 (segundo volume), por Gustav Fischer.

Sem dúvida alguma, as mais interessantes cartas foram aquelas trocadas entre Müller e Darwin. Três daquelas enviadas por Darwin serão mencionadas a seguir, porque elas se referem à obra mais conhecida de Müller, ou seja, o seu "**Für Darwin**".

À página 330 de "**La vie et correspondance de Charles Darwin**", avec une chapitre autobiographique publié par son fils M. Francis Darwin (Tome second, Paris, Alfred Costes, 1922), lê-se:

"A carta seguinte trata do livro de Fritz Müller, "**Für Darwin**", que foi mais tarde traduzido pelo sr. Dallas, por instigação de meu pai. Ela é interessante, por ser a primeira de uma longa série de epístolas que meu pai endereçou a êsse distinto naturalista. Eles nunca se encontraram, mas a correspondência com Müller, que continuou até a morte de meu pai, foi fonte de enorme satisfação para êste último. Minha impressão é que, de todos os amigos que êle jamais viu, Fritz Müller foi aquêle por quem êle teve a mais elevada consideração. Fritz Müller é o irmão de outro homem distinto, o falecido Hermann Müller, autor de "**Dei Befruchtung der Blumen**" ("A fecundação das flôres") e de muitos outros trabalhos de valor".

Eis o conteúdo da carta referida linhas acima:

"Down, 10 de agosto de 1865.

Meu caro Senhor:

Estive doente por muito tempo, mas acabo de terminar a leitura do seu trabalho sobre as espécies, que li a altas vozes. E agora é preciso que o senhor me permita agradecer-lhe cordialmente pelo grande interesse que me inspirou sua leitura. O senhor acaba de prestar um grande serviço à causa a que ambos nos dedicamos. Um grande número de seus argumentos me pareceu excelente, e muitos dos fatos citados, maravilhosos. Entre esses últimos nada me surpreendeu mais que as duas formas de machos. Últimamente fiz investigações sobre o caso das plantas dimorfas, e gostaria imensamente de lhe enviar uma ou duas de minhas memórias. Eu lhe enviei, há dias, pelo correio, um trabalho sobre as plantas trepadeiras, a fim de ver se ele lhe será de alguma utilidade. Um dos pontos mais batidos do seu trabalho é aquêle que trata das diferenças do aparelho respiratório das diferentes formas. Este fato me pareceu muito importante quando me ocupei anteriormente do aparelho elétrico dos peixes. Suas observações sobre a classificação e a Embriologia me parecem muito boas e originais. Elas demonstram que maravilhoso campo de investigação há sobre o desenvolvimento dos crustáceos, e nada me convenceu mais do que a beleza dos resultados aos quais chegaremos na história natural de quaisquer anos. Que maravilhoso escalonamento da estrutura nos apresentam os crustáceos, e como eles são apropriados as suas pesquisas! Antes de ler seu livro não conhecia nada sobre os *Rhizocephala* (1); peço-lhe que veja meu resumo e minhas figuras de *Anelasma*, pois me parece que este último cirripede é uma bela forma de passagem para os *Rhizocephala*.

Se o senhor tiver alguma ocasião, por ser também um anatomista habil, desejo muito que possa examinar o orifício da base do primeiro par de cirros entre os cirripedes e o curioso órgão que ele traz, a fim de descobrir qual é a sua natureza; suponho que tenha feito completamente errado, mas não estou inteiramente satisfeito com as observações de Krohn (2). Da mesma forma, se o senhor encontrar qualquer espécie de *Scapellum*, procure, peço-lhe, os machos complementares; um autor alemão recentemente pôs em dúvida as minhas observações, alegando simplesmente que os fatos lhe pareceram muito estranhos! Permita-me renovar os meus mais sinceros agradecimentos pelo prazer que me proporcionou a sua obra, e de exprimir-lhe minha viva admiração pelas suas preciosas pesquisas.

Creia-me, prezado senhor, com sincero respeito.

Seu devotado  
Charles Darwin.

P. S. — Não sei se o senhor se preocupa com o estudo das plantas; em caso positivo, terei satisfação em lhe enviar meu pequeno trabalho sobre a "Fertilização das Orquídeas", em edição alemã.

O Senhor poderia me reservar uma de suas fotografias? Desejo imensamente possuir uma".

Pela leitura da carta supra facilmente se depreende que as observações de Fritz Müller eram de fato excelentes, pois foram elas acatadas por um sábio do quilate de Charles Darwin.

Três anos depois Darwin escreveu-lhe novamente a respeito do "Für Darwin". Nessa missiva diz Darwin:

"Down, 16 de março de 1868.

Meu caro Senhor:

Seu irmão, como ele deve ter-lhe informado, convenceu-me de tal modo de que o senhor não fará objeções de que se faça uma tradução do "Für Darwin"

(1) Filo *Arthropoda*, Classe *Crustacea*, Subclasse *Cirripedia*, Ordem *Rhizocephala*. Como exemplo temos a *Sacculina*. (N. de H. N.)

(2) Há duas memórias de Aug. Krohn: uma sobre as glândulas de cimento; outra sobre o desenvolvimento dos cirripedes (Wiegmann's Archiv. XXV e XXVI). (N. de C. D.).

(3), que tome a liberdade de fazer os arranjos para a referida tradução. Engemann livremente ofereceu-me os clichês de xilografuras por 22 táleres; M. Murray consentiu em se encarregar da impressão (êle é nosso melhor editor) em comissão, pois êle não empreenderá o trabalho a seus próprios riscos e perigos; e eu me arranjei com o sr. W. S. Dallas que traduziu a "Partenogênese" de von Siebold e outras obras alemãs, e escreve um inglês excelente) para a tradução do livro. Creio (e sou um bom juiz) que é importante que haja algumas correções ou adições para explicar uma tão tardia aparição da tradução (por tão longo tempo) após a publicação do original, de tal feito que espero receber logo qualquer coisa do senhor..."

Em 1869 a edição inglesa, com o título sugerido por Sir Charles Lyell, "Facts and arguments for Darwin", (by Fritz Müller; from the German, with additions by the author; translated by W. S. Dallas, F. L. S., London, John Murray), veio a lume. Nessa ocasião Darwin escreveu-lhe o seguinte:

"Down-Bromley, Kent, 18 de março de 1869.

Meu caro Senhor:

Desde que lhe escrevi há alguns dias e lhe enviei três exemplares do seu livro (4), li a tradução inglesa e não posso negar a mim mesmo o prazer de mais uma vez expressar-lhe ainda calorosa admiração. Eu poderia, mas não o farei repetir meus agradecimentos pela maneira magnânima com que o senhor frequentemente menciona meu nome; mas posso dizer-lhe sinceramente que considero a publicação do seu ensaio como uma das maiores honrarias jamais conferidas a mim. Nada pode ser mais profundo e surpreendente do que as suas observações sobre desenvolvimento e classificação. Estou contente porque o senhor acrescentou sua justificação com referência à metamorfose dos insetos, pois sua conclusão parece agora provável no mais elevado grau. Reli muitas partes, especialmente aquelas referentes aos Cirripedia com o mais vivo interesse. Quase havia esquecido sua discussão sobre o desenvolvimento retrógrado dos Rhizocephala. Que admirável ilustração isso concede à minha doutrina inteira! Um homem deve ser realmente um beato em favor de atos separados da criação, se êle não estiver completamente vacilante após ler seu ensaio; mas sinto que isso é muito profundo para os ingleses, exceto para alguns privilegiados.

Com gratitude cordial e respeito, creia-me, meu prezado Senhor,

Sinceramente

Charles Darwin".

Só a simples leitura da carta supra nos exime de fazermos qualquer comentário a respeito da obra máxima de Fritz Müller, consagrada que foi pelo autor da teoria da seleção natural.

Essa importante obra ainda teve mais duas versões: a francesa, feita por Debray e publicada no Bulletin Scientifique Dép. du Nord, no ano de 1893, e a brasileira (ou portuguesa, como queiram) feita por Cryptus, pseudônimo do zoólogo Alípio de Miranda Ribeiro, na revista Kosmos, do Rio de Janeiro, nos anos de 1907-08 (sem paginação).

Nova tradução brasileira já está feita, faltando apenas compará-la com o original e a tradução inglesa e ela será publicada em apenso ao livro "Excertos da Natureza", do autor destas linhas.

Ainda sobre a obra existem três resumos: 1. Arch. sc. phys. et nat., Genève, 1865, pp. 154-163; 2. Bibl. Univ., Bull. scient., 1865, p. 154 e seguintes; 3. Ann. and Mag. of Nat. Hist., 1865, XV, pp. 410-416.

---

(3) Numa carta endereçada a Fritz Müller, Darwin diz: "Estou vexado de ver que no frontespício meu nome está mais à vista do que o seu, se bem que eu tenha feito objeções especiais quanto a isso e chamei a atenção dos impressores sobre êsse fato, depois de ter visto uma prova". (N. de F. D.).

(4) Tradução inglesa do "Für Darwin" (N. de F. D.).

ESCREVE:

CHRIST. DEEKE

# Aconteceu...

Christiana Deeke **BARRETO**

Dezembro de 1959

1 — Na reunião da Câmara Municipal toma posse o vereador suplente do P.T.B., sr. Reinaldo Ferreira. Este apresenta um projeto criando o serviço de salva-vidas no rio Itajaí-Açú. A mesma sessão o vereador suplente, Valdir Rosa, traz um projeto referente ao abastecimento de água, cujo estado atual representa verdadeira preocupação para Blumenau. Propõe o projeto taxa adicional sobre o atual custo da água e a emissão de bonus, por parte da Prefeitura, já que a receita orçamentária não comporta despesas com a inadiável construção de sub-estações de tratamento. Cronistas de vários jornais também tratam do assunto.

5 — Nos educandários da cidade realizam-se exposições de trabalhos e solenidades de conclusão do ano letivo.

9. — A reunião da Câmara é precedida de um ato solene: a entrega dos títulos de "Cidadão Blumenauense" ao benemérito Dr. Oswaldo Hoess e à bondosa Irmã Aluysianis, da Ordem da Divina Providência, esta com relevantíssimos serviços prestados à população Blumenauense durante perto de quarenta anos na administração e como conselheira do Hospital Santa Isabel, onde também o benquista médico exerceu a sua prática durante mais de vinte anos. O orador, no ato da entrega do título ao Dr. Hoess, foi o vereador, dr. Mário Manzke, cujo nascimento em Vila Itoupava, verificou-se há 35 anos passados, sob a assistência do homenageado. Na entrega do título à Irmã Aluysianis, falou o vereador dr. Wilson Santiago, que exerce a sua profissão de médico oculista no mencionado hospital que, recentemente, festejou o cinquentenário de sua instalação.

11 — No Teatro Carlos Gomes, realiza-se uma convenção dos concessionários da Willys Overland do Brasil, da qual participam próceres da corporação. Patrocinada pela firma SAMARCO, com matriz em Itajaí, a ela também comparecem os diretores desta, srs. Erik Kreuger, de São Paulo e Victor Deeke, de Itajaí. Após o almoço foram discutidos assuntos de interesse dos concessionários e da firma distribuidora, comparecendo ao jantar de encerramento autoridades locais, representantes da imprensa e outros convidados.

12 — Entrega dos diplomas, em solenidade realizada no Teatro Carlos Gomes, aos magistrandos da Escola Normal Pedro II. Parainfou a turma a professora Aiga Barreto.

11 — Na reunião do "Rotary Clube de Blumenau" Norte, comparece a srta. Walmira Siemann para agradecer a filantrópica atitude daquela sociedade, presenteando-a com uma perna mecânica para substituir a que perdera em 7 de dezembro de 1956 quando, no pátio da estação da Estrada de Ferro Santa Catarina em hora que tomava parte em folguedos infantis, foi colhida por uma locomotiva.

13/18 — Atendendo a um apêlo dos comerciantes, lança-se através do seu sindicato de classe e apoiado pela Associação Comercial e Industrial de Blumenau, como também pelo Sindicato do Comércio Atacadista, o comércio local não abriu as suas portas nos dois domingos precedentes ao dia de Natal, conforme uma tradição que vem da época colonial de Blumenau.

13 — Realiza-se o segundo Festival Aquático em nossa cidade, promovido pela Liga Atlético Blumenauense e patrocinada pelos "Diários Associados", Emissô-

ras Coligadas e o Comando do 23 R.I. Na corrida de lanchas Itajaí-Blumenau, conquistou a "fita azul" o sr. Guilherme Bracke, tendo a competição de natação, corridas de barco e demonstração de ski aquático empolgado, este último, principalmente, a grande assistência, apinhada na praça Hercílio Luz e ao longo das margens do rio. O recém-organizado serviço de salva-vidas teve ótima atuação durante as competições. Achava-se presente às festividades o capitão do porto de Itajaí que, em regresso à passagem da "Semana da Marinha", distribuiu medalhas comemorativas aos representantes das entidades organizadoras desta bela modalidade de esporte.

Durante essas competições ocorre um lamentável acidente, devido à imprudência de um jovem que, vestido de calção de banho, entra no rio sem saber nadar, não atendendo a advertências de um amigo, que o acompanhava. Perdendo pé, viu-se trágico pelas águas, resultando sem nenhum êxito os esforços do companheiro e de populares, que acorreram aos seus gritos de socorro, para salvá-lo. O serviço de Salva-vidas, acompanhando as competições de natação algumas centenas de metros mais abaixo, ocorreu imediatamente ao local do sinistro, onde também comparece minutos mais tarde, o Corpo de Bombeiros, sendo, entretanto baldados todos os esforços empregados para localizar o corpo do indito rapaz Ney Cláudio Simas, de 17 anos de idade, que só foi encontrado na manhã do dia 15, um quilômetro, mais ou menos, abaixo do local do acidente.

12/19 — "Semana do Reservista".

O 23 R.I. promove uma exposição de material de guerra no novo prédio da Casa Peiter, em fase de conclusão, com guarda militar na entrada, presença de militares e escoteiros uniformizados, tocando-se música militar. Grande número de pessoas visita essa exposição para conhecer armas, condecorações e outro material do nosso Exército, ali exposto ao lado de um simbólico sepulcro de campanha.

17 — Na Faculdade de Medicina

da Universidade do Paraná cola gráu a filha do pastor Richard Laun, da Comunidade Evangélica de Itoupava-Sêca, paróquia de Blumenau. A dra. Ingeborg Laun que, desde o curso primário foi sempre a 1.<sup>a</sup> ou 2.<sup>a</sup> aluna da classe, deverá seguir viagem para a Europa, onde pretende estagiar aperfeiçoando-se na sua especialidade: doenças de senhoras e pediatria.

20 — Foi criada em Blumenau uma escola para surdos-mudos, que funcionará anexa ao Grupo Escolar "Luís Delfino".

Na sede social do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Fiação e Tecelagem realiza-se a cerimônia de entrega dos diplomas aos alunos que terminaram o curso de Alfabetização de Adultos, já em funcionamento há cerca de dois anos e que foi criado pelo presidente daquele sindicato, sr. Aldo Andrade.

24/25 — O Natal ocorre sob agradáveis condições de temperatura. A cidade engalana-se, recebendo o toque máximo com as árvores-de-natal armadas nos lares e nas praças públicas, bem como as tradicionais festas e solenidades religiosas e sociais. Os jornais aparecem em edições especiais com mensagens do Prefeito e artigos alusivos à grande data.

29 — Pavoroso incêndio destrói a casa de residência do sr. Eloy Rosatti, que sofre a perda completa de suas posses em roupa, mobília, louça, geladeira, rádio, máquina de costura, etc. A população local concorre com dádivas e outros auxílios para minorar os sofrimentos da família sinistrada.

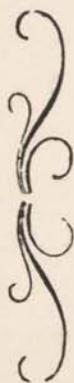
30 — Violenta explosão ocorre na rua Benjamin Constant quando o pintor João Wanka procedia ao preparo de tintas, despejando óleo num caldeirão. Sua filha de 12 anos, Maria Beatriz, atingida em cheio pelo líquido incandescente, sofre queimaduras do terceiro gráu, vindo a falecer algumas horas mais tarde no Hospital Santa Isabel, onde recebera os primeiros curativos.

31 — Nos Clubes e nas sociedades celebram-se as tradicionais festividades de Ano Bom, às quais comparece grande parte da população.

# Fábrica de Gazes Medicinais Cremer S/A

Rua Iguaçu n.ºs 291 e 363 — Caixa Postal, 80

Fone 1332



**GAZES E ATADURAS MEDICINAIS**  
**ATADURAS GESSADAS**  
**ALGODÃO HIDRÓFILO**  
**FRALDAS PARA BEBÊS**  
**FAIXAS HIGIÊNICAS PARA SENHORAS**  
**ARTIGOS DE PRIMEIRA QUALIDADE**



# **FÁBRICA DE TECIDOS CARLOS RENAUX S. A.**

Telegramas: **TECIDOS**

OS TECIDOS RENAUX SÃO AFAMADOS PELA FIXIDEZ DE SUAS CÔRES E ACABAMENTO MODERNO, FEITO COM TODO ESMÉRO.

A FÁBRICA DE TECIDOS CARLOS RENAUX S/A., FOI FUNDADA EM 1892 PELO CONSUL CARLOS RENAUX, PIONEIRO DA INDÚSTRIA TÊXTIL CATARINENSE.

EM 1900 A FIRMA RENAUX ESTABELECEU A PRIMEIRA FIAÇÃO EM SANTA CATARINA, DAI BRUSQUE SER O BERÇO DA FIAÇÃO CATARINENSE.

“RENAUX” — UMA TRADIÇÃO DA INDÚSTRIA TÊXTIL NACIONAL — TECIDOS DE ALTA QUALIDADE DE CÔRES FIRMES E ACABAMENTO PERFEITO.

**Tecidos de alta qualidade  
Côres firmes**

**BRUSQUE**

**SANTA CATARINA**

**BRASIL**